

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	04/08/98	
Caderno	J-	6
Seção		
Assunto	Invasão	

Casas de ex-invasão estão ameaçadas

Moradores da vila construída recentemente pela Urbis na antiga Invasão Yolanda Pires, no Vale do Ogunjá, estão denunciando problemas de rachaduras e umedecimento das paredes em diversas casas e que se agravaram com as últimas chuvas. As rachaduras podem ser observadas não apenas no interior dos imóveis, mas também nas fachadas e nos muros de sustentação ao lado. Os técnicos da Sertenge, responsável pelas obras de urbanização, explicam que esses problemas já estavam previstos e os atribuem à dificuldades no início das obras da localização da rede de água. As casas em questão fazem parte da primeira etapa do projeto e engloba 394 imó-

veis. São casas pequenas, de quarto, sala-cozinha conjugadas e sanitário, mas que satisfazem aos antigos moradores da invasão. "Nada temos contra as casas, a nossa preocupação são as rachaduras e a umidade que provoca mofo", disse João dos Santos Balhão, apontando algumas fissuras no interior da sua residência".

Atualmente 166 pessoas já ocuparam os imóveis de 65 metros quadrados e a Urbis já iniciou as obras para a segunda etapa. Um dos técnicos garantiu que as casas foram construídas dentro das normas da engenharia. Mas a realidade é que as fissuras são visíveis e estão ocorrendo em diversos imóveis. Guilherme Melo, estagiário da empre-

sa, exibe relatório assinado pelo técnico Augusto Franklin Ferraz Santos após a inspeção feita na obra e que, apesar de ser constatado problemas de fissura, garante não haver qualquer perigo de desabamento.

Com a maioria das casas ocupadas pelos antigos moradores da Invasão Yolanda Pires, a nova vila construída no Ogunjá ainda vem sofrendo reparos e ampliação. Destinadas a abrigar todos os que já moravam no local, as novas casas construídas em dois planos diferentes têm as mesmas características e, algumas, os mesmos problemas de rachaduras e umidade. Apesar desta realidade o técnico responsável pela ins-

peção fez as seguintes observações: "Nas casas tipo M1 de números 15 e 16 constatamos uma fissura de pequena abertura, já estabilizada e que orientamos para sua recuperação, embora não

tenhamos conseguido identificar a sua causa; em algumas casas construídas sobre aterro verificamos também pequenas fissuras já estabilizadas e outras a serem recuperadas. Tais fissuras já eram

previstas devido a pequenas deformações do aterro nesta fase inicial. Do ponto de vista de estabilidade e segurança das estruturas não constatamos nenhum problema", concluiu o técnico.